

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

A Bela e a Fera*

Madame de Beaumont, Madame de Villeneuve

Sherlock Holmes (9 vols.)

Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood

O conde de Monte Cristo

Os três mosqueteiros

Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame

Victor Hugo

Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*

O ladrão de casaca*

Maurice Leblanc

O Lobo do Mar

Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

Howard Pyle

Os Maias

Eça de Queirós

Drácula

Bram Stoker

20 mil léguas submarinas

A ilha misteriosa

Viagem ao centro da Terra

Jules Verne

Títulos disponíveis também em edição comentada e ilustrada
(exceto os indicados por asterisco)

Veja a lista completa da coleção no site zahar.com.br/classicoszahar

Emily Brontë

O MORRO DOS
VENTOS UIVANTES

Tradução:
Adriana Lisboa



Título original:
Wuthering Heights

Copyright da tradução © 2016, Adriana Lisboa

Copyright desta edição © 2018:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Eduardo Farias, Tamara Sender
Projeto gráfico: Carolina Falcão
Capa: Rafael Nobre

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Brontë, Emily, 1818-1848
B887m O morro dos ventos uivantes/Emily Brontë; tradução Adriana Lisboa.
– 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

(Clássicos Zahar)

Tradução de: Wuthering heights
ISBN 978-85-378-1752-0

I. Ficção inglesa. I. Lisboa, Adriana. II. Título. III. Série.

18-47624

CDD: 823

CDU: 823.III-3

APRESENTAÇÃO

EMILY BRONTË NASCEU em Thornton, no condado de Yorkshire, norte da Inglaterra, em 1818. Filha do reverendo Patrick Brontë, homem severo, de hábitos austeros e recolhido, e Maria Branwell, neta de um bem-sucedido proprietário rural e mercador de chás, Emily era extremamente tímida, reclusa e apreciadora da solidão, tendo ao longo da vida poucos amigos e chegando a beirar a misantropia. Reza a lenda que durante três anos, enquanto ela e os irmãos eram educados em casa pelo pai e por uma tia, irmã da falecida mãe, Emily falou apenas com os familiares e empregados, mais ninguém de fora.

Ao mesmo tempo, era afetuosa e gentil, e amava a natureza e os animais, com especial carinho pela paisagem úmida e verdejante das charnecas de sua terra natal. Afora a imensidão verde dos campos, seu lugar preferido era a cozinha de casa, onde, diz-se, aprendeu alemão enquanto cozinhava, o que revela também sua grande inteligência e disciplina.

Junto com suas irmãs, Charlotte e Anne Brontë, publicou em maio de 1846 um livro de poemas, numa edição custeada por elas próprias. Charlotte contribuiu com vinte poesias, Emily e Anne com 21 cada. Para isso, inventaram pseudônimos que não as identificavam indiscutivelmente nem como homens nem co-

mo mulheres, e todos com um mesmo sobrenome, igualmente fictício, Bell. Na escolha dos novos prenomes, elas preservaram suas iniciais: Charlotte adotou o nome Currer, enquanto Emily e Anne tornaram-se respectivamente Ellis e Acton Bell.

É evidente que o recurso aos pseudônimos visava assegurar para o livro uma avaliação imparcial, livre dos preconceitos da época, e as três irmãs levaram muito a sério tal anonimato, a ponto de não revelarem suas verdadeiras identidades nem mesmo aos futuros editores. Emily, mais que todas, parece ter sido extremamente ciosa desse segredo. Há registro de que a polêmica sobre a identidade e o gênero dos escritores Bell teria se estendido até 1850, quando de uma vez por todas Charlotte abriu o segredo ao grande público.

Entre 1845 e 1846, Emily escreveu seu primeiro e único romance: *O morro dos ventos uivantes*, que após algumas recusas, foi aceito pela casa editorial Thomas Cautley Newby Publisher, de Londres. E, sob o pseudônimo de Ellis, foi lançado em dezembro de 1847, em edição conjunta com *Agnes Grey*, de Anne.

O livro conta uma história de amor em torno do triângulo formado pelos personagens Heathcliff, Catherine Earnshaw e Edgar Linton. A característica que o distingue, porém, é mais a transformação, para pior, do caráter humano quando exposto ao sofrimento. Os protagonistas e a maioria dos personagens da história, ao vivenciarem a dor, a rejeição, a morte dos entes queridos, têm suas virtudes atrofiadas e suas fraquezas de caráter amplificadas. A obra, nesse sentido, pode ser lida como um estudo da degradação humana provocada pelas injustiças e inclemências do destino.

O volume vendeu razoavelmente bem. Do ponto de vista da crítica, a recepção ao romance de Emily não foi unânime, ou mais do que isso, foi em geral ambígua. Os críticos ressaltavam que havia ali um material de grande força, mas incomodavam-se com certos elementos da composição.

Em setembro de 1848, Emily contraiu um forte resfriado e logo apresentou sintomas de tuberculose. Assim como as irmãs, ela acreditava que a saúde de toda a família era frágil devido ao clima inóspito da região em que viviam e às deficientes condições sanitárias de sua casa, cujo subsolo, e conseqüentemente as minas de água utilizadas, estariam contaminados pelo chorume do cemitério junto à igreja onde o pai ainda trabalhava.

Embora ficasse mais debilitada a cada semana, Emily rejeitou qualquer atendimento médico e os remédios habituais, dizendo que não gostaria de ter ao seu lado “nenhum doutor envenenador”. Até que ao meio-dia de 19 de dezembro de 1848, já se comunicando aos sussurros, com extrema dificuldade para respirar, finalmente aceitou ser examinada por um médico, mas já era tarde. Por volta das 14h, com apenas trinta anos, morreu num sofá da residência familiar em Haworth. Diz-se que emagrecera tanto que seu caixão media apenas 41 centímetros de largura. Foi enterrada no mausoléu dos Brontë, na igreja de St. Michael and All Angels.

Esta é uma versão reduzida da apresentação de Rodrigo Lacerda para *O morro dos ventos uivantes*, publicado pela Zahar em 2016.

CAPÍTULO 1

1801. Acabo de regressar de uma visita a meu senhorio – o único vizinho com o qual terei de me preocupar. Que bela região, esta! Não acredito que, em toda a Inglaterra, eu pudesse ter me estabelecido num lugar tão completamente afastado da agitação da sociedade. O paraíso dos misantropos – e o sr. Heathcliff e eu somos um par bem adequado para dividir entre nós a desolação. Um ótimo sujeito! Ele mal poderia imaginar como simpatizei com ele quando vi seus olhos negros se recolherem, desconfiados, sob as sobrancelhas enquanto eu me aproximava, e quando seus dedos buscaram abrigo, ainda mais fundo dentro do colete, com uma determinação hostil, quando anunciei meu nome.

– Sr. Heathcliff? – perguntei.

Um aceno da cabeça foi a resposta.

– Sr. Lockwood, seu novo inquilino. Tenho a honra de fazer esta visita logo após minha chegada para lhe dizer que espero não lhe ter causado nenhum inconveniente com minha insistência em solicitar a ocupação de Thrushcross Grange. Ouvi dizer, ontem, que o senhor pensava em...

– Thrushcross Grange é minha propriedade, meu senhor – me interrompeu ele, secamente. – Não permitiria que alguém me causasse qualquer inconveniente, se pudesse impedi-lo. Entre!

O “Entre!” foi pronunciado entre os dentes e expressava o sentimento “Vá para o inferno!”. O próprio portão no qual ele se apoiava não manifestava qualquer movimento condizente com a palavra, e acho que as circunstâncias me obrigaram a aceitar o convite: eu estava interessado naquele homem, que parecia mais exageradamente reservado do que eu próprio.

Quando viu meu cavalo pressionando o portão, ele estendeu a mão para destrancá-lo. Precedendo-me taciturno pelo caminho, ordenou, ao entrarmos no pátio:

– Joseph, leve o cavalo do sr. Lockwood e traga-nos vinho.

“Deve ser essa toda a criadagem”, foi minha reflexão, sugerida pela dupla ordem. “Não é de se admirar que haja mato crescendo entre as pedras do caminho, e que podar as cercas vivas seja responsabilidade do gado.”

Joseph era um homem de idade – não, um velho, talvez muito velho, embora robusto e vigoroso.

– Que o Senhor nos ajude! – disse para si mesmo, num tom de mau humor e descontentamento, enquanto tomava-me o meu cavalo e me fitava com tal azedume que conjecturei, caridosamente, que devia estar necessitando de ajuda divina para digerir o almoço, e que aquela pia exclamação não tinha qualquer vínculo com minha chegada imprevista.

A residência do sr. Heathcliff chama-se Wuthering Heights, sendo “*wuthering*” um regionalismo que descreve bem a atmosfera tumultuosa à qual a localidade está sujeita, quando das tempestades. Eles devem ter de fato uma ventilação contínua, pura e tonificante, lá em cima: pode-se adivinhar a força do vento norte

soprando sobre a propriedade, pela inclinação de alguns abetos mirrados na extremidade da casa e por uma fileira de espinheiros esquilidos que estendem seus galhos numa única direção, como se mendigassem esmolas ao sol. Felizmente o arquiteto teve o bom senso de construí-la robusta: as janelas estreitas estão bem embutidas na parede, e as quinas são protegidas por grandes pedras salientes.

Antes de passar pela soleira, fiz uma pausa para admirar uma série de entalhes grotescos na fachada, sobretudo ao redor da porta principal, sobre a qual, entre uma confusão de grifos já se desfazendo e menininhos impudentes, divisei a data de 1500 e o nome de Hareton Earnshaw. Teria comentado qualquer coisa e solicitado uma breve história do local ao seu mal-humorado proprietário, mas sua atitude à porta parecia exigir que eu entrasse sem demora ou fosse embora de uma vez, e eu não tentava aumentar sua irritação antes de inspecionar o interior da construção.

Um passo, e nos encontramos na sala, sem qualquer vestíbulo ou corredor introdutório: chamam a sala, aqui, de “casa”. Ela inclui, geralmente, cozinha e sala de estar, mas acho que em Wuthering Heights a cozinha se viu obrigada a recuar por completo para outra área; pelo menos ouvi o retinir de tenazes e o entrecocar de utensílios culinários vindo de dentro. Não notei o menor sinal de comida assando ou fervendo na imensa lareira, tampouco o reluzir de panelas de cobre e coadores de lata nas paredes. Numa das extremidades, porém, tanto a luz quanto o calor refletiam-se esplendidamente em fileiras de imensos pra-

tos de estanho que, alinhados num grande aparador de carvalho e entremeados de canecas e jarros de prata, chegavam ao teto. Este último nunca recebera forro, sua anatomia oferecia-se ao olhar curioso, exceto num ponto em que era encoberta por uma estrutura de madeira repleta de panquecas de aveia postas para secar e pernis de boi, carneiro e presunto. Sobre a lareira havia diversas armas de fogo antigas, de aspecto vil, e um par de pistolas grandes, além de três latinhas de cores vivas postas a título de decoração no console. O chão era de pedra branca e lisa; as cadeiras, de costas altas, eram estruturas primitivas pintadas de verde – uma ou duas mais pesadas, negras, espreitavam das sombras. Num arco sob o aparador descansava uma imensa cadela pointer marrom-escuro, cercada por vários filhotes barulhentos. Outros cães se entocavam noutros recessos.

O aposento e a mobília não teriam nada de extraordinário se pertencessem a um rústico fazendeiro do norte, de semblante cis-mado e braços e pernas robustos realçados por bombachas e polainas. Um indivíduo desses, sentado em sua poltrona, uma caneca de cerveja espumando sobre a mesa redonda à sua frente, é fácil de encontrar em qualquer passeio de nove ou dez quilômetros por entre estas colinas, desde que a visita seja feita na hora certa, logo após o almoço. Mas o sr. Heathcliff contrasta de modo singular com sua morada e o estilo de vida. Na aparência, é um cigano de pele escura; nos trajés e nas maneiras, um cavalheiro – isto é, tão cavalheiro quanto o são muitos fidalgos do interior: desalinhado, talvez, mas sem que a negligência cause desagrado, já que tem o porte ereto e é bem-apessoado, e bastante taciturno.

Algumas pessoas talvez suspeitem nele certo orgulho rústico; em mim, desperta uma afinidade que me faz crer não ser nada disso. Sei, por instinto, que sua maneira reservada advém de uma aversão a demonstrações ostensivas de sentimento, a manifestações de gentileza mútua. Ele ama e odeia em silêncio, e julga uma espécie de impertinência ser amado ou odiado. Mas estou me precipitando. Imputo a ele, livremente, meus próprios atributos. O sr. Heathcliff talvez tenha razões inteiramente distintas das minhas para não estender a mão quando trava novo conhecimento. Estimo que meu temperamento seja quase peculiar: minha querida mãe costumava dizer que eu nunca teria um verdadeiro lar, e, no verão passado, provei ser cem por cento indigno de um.

Enquanto desfrutava de um mês de bom tempo na costa, vi-me em companhia de uma criatura fascinante – uma verdadeira deusa aos meus olhos, já que não notava que eu existia. Jamais “confessei meu amor” verbalmente; ainda assim, se olhares falam, qualquer idiota teria adivinhado que eu estava perdidamente apaixonado. Ela me entendeu, por fim, e me dirigiu um olhar em retorno – o mais doce dos olhares. E o que foi que eu fiz? Confesso-o envergonhado: encolhi-me em mim mesmo feito um caramujo; a cada olhar seu recolhia-me mais e maior frieza demonstrava, até que, por fim, a pobre inocente foi levada a duvidar de seus próprios sentidos e, sobrepujada pela confusão ante seu suposto engano, persuadiu a mãe a partir. Graças a essa curiosa mudança de atitude, ganhei a reputação de ser deliberadamente impiedoso; o quanto o julgamento é imerecido, só eu sei.

Sentei numa das extremidades da lareira, diante do assento ao qual meu senhorio se dirigia, e preenchi um intervalo de silêncio tentando acariciar a cadela, que deixara sua ninhada e se esgueirava por trás das minhas pernas, a boca arreganhada e as presas brancas salivando.

Minha carícia provocou um rosar longo e gutural.

– É melhor deixar a cadela em paz – rosou em unísono o sr. Heathcliff, evitando, com um pontapé, demonstrações mais ferozes. – Não está acostumada a ser mimada. Não a tratamos como animal de estimação.

Então, dirigindo-se com passos largos até uma porta lateral, gritou outra vez:

– Joseph!

Da adega, Joseph resmungou qualquer coisa incompreensível, mas não deu indicação de que iria subir; seu amo foi, assim, ter com ele lá embaixo, deixando-me vis-à-vis com a terrível cadela e um par de cães pastores carrancudos e de pelo desgredado, que se juntaram a ela na guarda zelosa de meus menores movimentos.

Sem vontade de fazer contato com suas presas, fiquei sentado, imóvel – mas, imaginando que não entenderiam insultos implícitos, tive a triste ideia de piscar o olho e fazer caretas ao trio; algum trejeito da minha fisionomia irritou madame a tal ponto que, num súbito ataque de fúria, ela saltou nos meus joelhos. Repeli-a, e me apressei em colocar uma mesa entre nós. O gesto despertou a matilha inteira: surgiram de seus esconderijos meia dúzia de demônios de quatro patas, de tamanhos

e idades diversos. Meus calcanhares e as abas de meu casaco pareciam ser os alvos preferidos. Desviando da melhor forma possível os combatentes maiores com o atizador da lareira, fui obrigado a pedir ajuda em voz alta a alguém da casa, para restabelecer a paz.

O sr. Heathcliff e seu criado subiram os degraus da adega com uma calma irritante. Não acho que tenham feito isso um segundo mais depressa do que o usual, embora a sala fosse agora um verdadeiro pandemônio de gritos e latidos.

Felizmente, alguém que se encontrava na cozinha agiu com mais prontidão: uma senhora robusta, com o vestido arregaçado sobre as anáguas, os braços nus e as faces avermelhadas pelo fogo correu até nós, brandindo uma frigideira. Fez tal uso dessa arma e da própria língua que a confusão se dispersou como num passe de mágica, e quando seu amo retornou somente ela se encontrava ali, ofegante como o mar depois de um vendaval.

– O que diabos está acontecendo por aqui? – ele perguntou, fitando-me de um modo difícil de aturar após aquele tratamento tão pouco hospitaleiro.

– De fato, o que diabos está acontecendo por aqui! – murmurei. – Uma vara de porcos possessos não poderia ter piores instintos do que esses seus animais, meu senhor. É como deixar um estranho com um bando de tigres!

– Eles não se metem com quem não mexe em nada – observou ele, colocando a garrafa diante de mim e devolvendo a mesa ao seu lugar. – Os cães têm o direito de ser vigilantes. Aceita uma taça de vinho?

– Não, obrigado.

– Mordido?

– Se tivesse sido, deixaria o meu sinete no responsável.

A face de Heathcliff se abriu numa espécie de sorriso.

– Ora, vamos – disse ele –, o senhor está muito nervoso, sr. Lockwood. Tome um pouco de vinho. Visitas são tão raras nesta casa que eu e meus cães, admito-o, mal sabemos como recebê-las. À sua saúde, meu senhor.

Com uma mesura, retribuí o brinde, começando a perceber que seria bobagem ficar emburrado por causa do mau comportamento de um bando de cachorros: além disso, não queria que o sujeito continuasse se divertindo à minha custa, já que era isso o que estava acontecendo.

Quanto a ele, provavelmente movido pela prudente lembrança da tolice de ofender um bom inquilino, relaxou um pouco, naquele estilo lacônico de podar pronomes e verbos auxiliares, e começou uma dissertação sobre as vantagens e as desvantagens de meu novo local de retiro, o que supunha ser assunto de interesse para mim.

Achei-o muito inteligente nos tópicos que abordamos; antes de me despedir, estava animado a ponto de dizer que voltaria amanhã.

Ele evidentemente não queria que minha intrusão se repetisse. Mesmo assim, irei. É espantoso como me sinto sociável, se comparado a ele.